

AJ11.413

Um tesouro que ninguém encontrou

Texto e fotos de Rogério Medeiros

O preto Balbino, acostumado com as histórias de Ouro Preto, sonhou com um tesouro escondido numa igreja, muito distante da sua terra. Resolveu procurá-lo. A idéia que ficou no sonho era de que a igreja estava no rumo do litoral. Não contou nada a ninguém e desceu buscando a igreja e o tesouro.

Muitos deles ficaram ricos quando os padres saíram. Naquele tempo não existiam os bancos e os fazendeiros podiam muito bem enterrar seus tesouros em outros lugares. Bem mais seguros. Mais junto deles mesmo. Longe de igrejas.

A sua lembrança volta a Balbino. "Como aquele homem cavou com fúria tudo aquilo", sublinha. Era ali que Dalmácio ia a missa e assistia muita festa religiosa. Foi lá que viu já em 1961, um grupo de cinco forasteiros fazer dentro da igreja um buraco de 32 metros. "Um negócio danado de ruim, pois o governo tinha acabado de mandar reformar a igreja. Tinha tampado todos os buracos", diz.

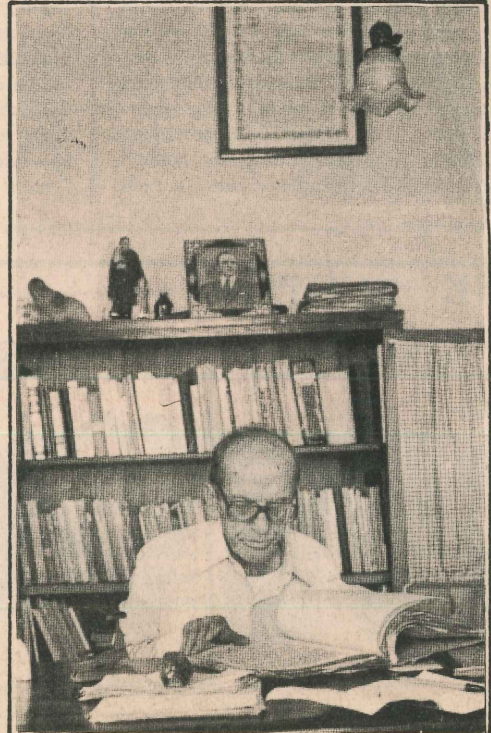
— Você acha que eu vou cavar um buraco para procurar o que eu não escondi?, reage à insinuação do repórter, de que deveria ter também feito seus buraquinhos na igreja.

Dalmácio fazia nessa hora a costura de uma rede de pescar. Estava em sua casa. Próximo à igreja. Ele também perce-

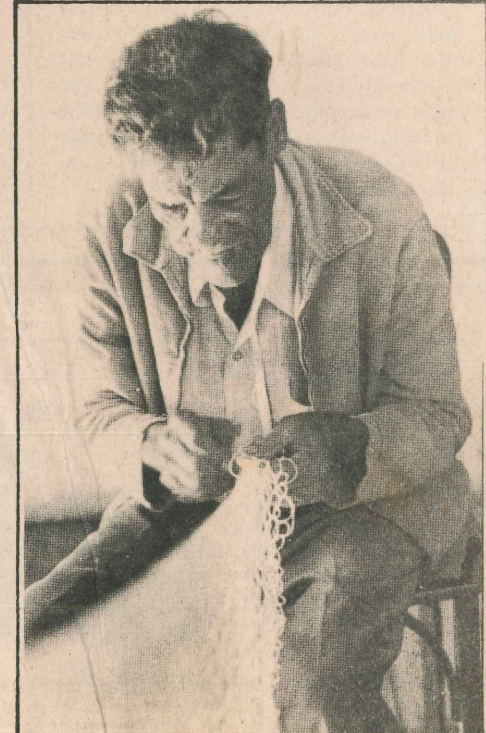
Torquato, o bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, na sua segunda visita ao Espírito Santo.

— A sua conservação teria sido interessante para identificar hoje as residências dos fazendeiros do século XVIII: uma capela católica de bela aparência, como a de Belém e ao lado o casarão tipo solarengo, de dois pavimentos, todo de alvenaria, de paredes grossas como a de Araçatiba, com extensos corredores e salões amplos e arejados. Ela foi atingida em 1861 por um incêndio.

— Foi um lugar famoso dos tempos antigos, prossegue o historiador. Lugar em que o coronel Malta, que veio a substituir Arcipreste, seu parente, ali realizava aparatosas festas de Nossa Senhora do Belém, procurando ofuscar o brilho das festas do capitão José Freire de Andrade, promovia na sua fazenda vizinha, em outra igreja de frente para a de Belém. Foi no tempo da velha política do império, quando os fazendeiros se digladiavam uns



Heribaldo Balestrero que embargou escavações na Igreja de Belém



Dalmácio que viu Balbino chegar para fazer a escavação da igreja Belém

No caminho ou litoral encontrou a igreja de Belém, em Viana, no ponto mais próximo das praias capixabas. Consultou sua posição. Estava dentro do raio de onde ela devia estar. Em cima do morro, com suas torres salientes, abandonada, tinha sido vítima de um incêndio. Tudo de

suas torres salientes, abandonada, tendo sido vítima de um incêndio. Tudo de acordo com o sonho.

Balbino subiu o morro e começou sua jornada com as mãos. Logo foi cercado de populares e fiéis do lugar, intrigados com a ação do forasteiro. O pretó falou no sonho. Disse da missão que os santos lhe encomendaram. Era o enviado para levar para Ouro Preto o tesouro dos jesuítas. Ganhou instrumentos de perfuração de camponeses. Deram-lhe enxada e pá. Sozinho ele cavou muito. Foram mais de cinco metros de profundidade, encostado na parede de entrada da igreja. Não chegou no fim.

Os padres do município desse tempo, nos idos de 1910, foram ao lugar para encontrar Balbino. Conversaram com ele e ficaram certos de que o personagem não tinha nenhuma delegação dos santos.

Ele não passava de um aventureiro em busca de dinheiro. Deram-lhe uma carreira. Balbino tomou o mesmo rumo da vinda. Só que dessa vez marchou a pé. Não tinha mais dinheiro. Tinha gasto tudo na sua estada em Araçatiba. Mas em compensação, espalhou pelo sertão a história do tesouro da igreja do Belém. O dinheiro, o ouro e as jóias dos jesuítas...

Virou "O Mistério do Tesouro dos Jesuítas". Mas era assunto que empolgava o pessoal de fora, influenciado pelas histórias de Balbino. Pois no lugar, segundo Dalmácio Aranha Vasconcelos, o mais antigo morador da região, 75 anos de idade, há certeza de que todo aquele pessoal que passou a vir sempre cavar na igreja, estava enganado. Todo mundo sabia por lá, que os coronéis de Araçatiba não passavam de Chalaça do Império. Ainda mais: não era de jesuítas a igreja.

O velho Dalmácio era menino quando chegou Balbino. Assistiu ele fazer o primeiro buraco. Viu outros fazendo. Mas nunca fez. Primeiro por causa da origem dos coronéis de Araçatiba, da época da igreja e dos padres pobres como os coronéis e como a igreja. Além do mais ele acha que ninguém trabalha para deixar para o outro. Se eles tinham alguma coisa, referindo-se aos religiosos, eles levaram quando voltaram para Portugal. Ou então, os tesouros dos jesuítas, que não é o caso da igreja de Belém, ficou nas mãos dos fazendeiros, quando eles deixaram o Brasil.

de uma rede de pescar. Estava em sua casa. Próximo à igreja. Ele também percebeu os olhares do repórter, desconfiado de que estava diante de um pescador. O velho foi um agricultor, que de uns tempos para cá resolveu aproveitar sua habilidade de preparar rede para continuar sobrevivendo. "Elas dão bom preço", segundo apressou-se em explicar. Pois se alguém estivesse pensando que a rede era para uso própria, enganava-se. No rio Jucu, onde ele sempre tirou muitos peixes, são raros e escassos, atualmente, os peixes. E lamentava:

— Aqui não tem mais nada. Antigamente o peixe sobrava por essas bandas. Hoje não dá nem mais para remédio. A rede que faço é de encomenda e para o mar. Explicou.

Percebendo que o repórter não estava acreditando nas suas histórias da igreja, de cavações, tornou a repisar na sua tese: — Olha eu nunca me prestei para procurar o que era dos outros. Nunca me prestei para isso. Eu também sempre fui invocado que padre não deixou nada. Se tinham levaram com eles. Uma coisa está na vista, não iam trabalhar para os outros. E sim para o samburá deles. Nunca vi padre trouxa. Tesouro para os outros; de padre, somente em sonho", salienta.

Um pouco distante da casa dele, na pequena sede do município de Viana, outro homem filho do lugar, de também 75 anos de idade, conhece o assunto. Num pequeno escritório feito numa casa antiga ao lado de sua residência, com vista para a igreja matriz, ele relata a história da igreja de Belém. Mas procede de outra maneira, valendo-se da história do município que escreveu em 1951: "A História de Viana". Heribaldo Lopes Balestrero, um historiador capixaba, muito solicitado por outros historiadores, pela seriedade de suas pesquisas. Com dois livros inéditos para publicar: "A Evolução Política do Espírito Santo e O Povoamento do Espírito Santo", à espera de editor ou de um órgão de cultura do Estado, ele conta o negócio do tesouro de Belém.

Seu relato:

— Essas ruínas que se destacam à margem da estrada Vitória-Rio (trecho de BR-101), nas proximidades da fazenda Jucu, em Viana, são os ossos, assim se deve dizer, da igreja Belém. É uma construção feita pelo padre Torquato Martins Araújo, o primeiro arcebispo da Província em 1819, mediante provisão datada de 24 de dezembro de 1780. Ali se mantinha importante fazenda, movimentada por um grande contingente de escravos. Em 1819, esteve nela hospedado, com o padre

Heribaldo Balestrero que embargou escavações na igreja de Belém.

quando os fazendeiros se digladiavam uns com os outros, para se apresentarem em melhores condições perante o governo provincial, cujo o presidente era de nomeação do imperador.

Prossegue o historiador, dizendo que o coronel Torquato Malta era rival do capitão Freire de Andrade e do comendador Antonio Ferreira Castelo, que muitos serviços prestaram à província. Esse último, fazendeiro de Calabouço. Nela D. Pedro II almoçou na manhã do dia 30 de janeiro de 1860, mas acompanhado de todos os três proprietários de escravos, convidados para tomarem parte na Comissão de Recepção ao imperador, por ocasião de sua visita a Viana e à colônia Santa Isabel.

— Depois da morte do coronel Malta, na década de 1860, a fazenda passou para o seu filho Bernadino Ramalho de Araújo Malta, que, por seu turno, a vendeu ao capitão José Pereira Pimentel, descendente açoriano, em cujas as mãos a fazenda entrou em decadência. Ostentava, apenas, sobre a colina coberta de capoeira, a igreja de Nossa Senhora do Belém, já em decadência, também. Até a rica imagem que fora mandado buscar em Portugal, em torno de seu altar, desapareceu do lugar.

Mas há alguns anos, nesse século, André Carloni, com Olinto de Couto Aguirre, executou por conta do Patrimônio Histórico e Artístico da União, uma ligeira restauração das suas paredes, deixando-as a descoberto. Com a passagem de nova estrada asfaltada, as escavações daquele tempo destruíram a parte da sacristia. Suas paredes ainda tinham molduras feitas com massa de azeite de peixe, obra que não foi destruída pelo tempo, apesar de anos a fio ao relento.

Nessa igreja, o coronel Coutinho Mascarenhas e o comendador Domingos Vicente encontraram aqueles que os acompanharam pelo casamento, nas suas ascensões políticas. Pois o primeiro foi presidente da província, o segundo deputado estadual, diretor do tesouro provincial, senador da República e finalmente secretário da fazenda do governo Jerônimo Monteiro.

Sobre escavações ele diz: — na ânsia de descobrirem dinheiro enterrado sob suas muralhas, apareceram sonhadores visionários que esburacam seus alicerces, sacrificando um templo que já existia, quando do tempo de Rubim. Em 1941 o historiador conta que ele pessoalmente embargou, com a ajuda do padre Oto, as escavações de quase uma dezena de forasteiros.

Heribaldo Balestrero que embargou escavações na igreja de Belém.



— Tapamos todos os buracos, acrescenta a sua informação. Realizamos naquele ano culto religioso. Em 1961 apareceu um aleijado mineiro comandando quatro pessoas. Fez com eles um enorme buraco no centro da igreja, com 32 metros. Embarguei novamente. Voltamos

a impedir novas investidas contra a igreja. Tudo por conta da credence popular. Diziam em outros lugares, o nosso povo, o nativo, não acreditava, mas infelizmente os outros acreditavam, que naquela igreja tinha um tesouro de jesuítas. Estavam errados, inclusive quanto à verdadeira identidade da ordem religiosa. Os jesuítas nunca estiveram naquela igreja, sendo o padre Torquato de outra origem.

Da igreja mesmo, que se encontra atualmente abandonada, em ruínas, toda esburacada no seu interior e em volta de suas paredes, resta dela somente a imagem de Nossa Senhora do Belém, representando a Virgem Mãe amamentando o menino Jesus. Ela existe, mas em mãos de um descendente de D. Amada Pimentel Pinheiro, filha do capitão José Pereira Pimentel. Está com Anísio Souto, revela o historiador.

Ao que parece, é o único tesouro que realmente produziu a igreja Belém. A sua riqueza total...

Viana é um município que começou pela igreja. Vivendo hoje da influência de Vitória, com alguma atividade ainda agrícola, ela foi fundada por açorianos. Acerca de sua colonização, lembra Heribaldo Lopes Balestrero, inclusive, que os registros iniciais dela foram transmitidos por um índio a uma pessoa da população. Ele conta:

Dalmácio que viu Balbino chegar para fazer a escavação da igreja Belém

— A coisa começou dessa forma: esse índio e mais 20 selvagens que pertenciam à tribo dos Botucudos, da Federação dos Aimorés, assistiram em 1813 nas margens do rio Jucu, a fundação de Viana. Os demais índios encontrados na região sumiram no mato. Mas esses não. Esperaram e estiveram com o governador da capitania Francisco Alberto Rubim, seu fundador. Ele vinha trazendo 53 casais de Ilhéus, procedentes de Açores, em Portugal, conduzidos pelo intendente geral de polícia, paulo Fernandes Viana, tio do governador.

— Depois disso, conta, passaram a frequentar constantemente o lugar, religiosos, realizando trabalho de catequese. Ensinavam aos índios catecismo e a história sagrada. Durante muitos anos, o índio que contou para Firmo Marchense, em 1879 a história de Viana, foi o mais assíduo frequentador das festas da padroeira local. Mesmo depois, quando alegando saudades dos seus irmãos índios, abandonou o lugar e retornou à floresta. Ele chamava-se José Braz da Vitória, cuja a morte foi sentida no lugar, mas de maneira misteriosa. O índio não veio para a festa de Nossa Senhora da Conceição. Todos acreditaram que ele tinha morrido. No outro ano nova ausência. Então a população rezou uma missa em favor de sua alma. Ele foi como a igreja Belém um personagem misterioso da história de Viana. Sumido pelos matos e amigo dos civilizados. Raro como um tesouro existir por aquela época civilizado amigo de índio. Existia. Esse índio tinha amigos brancos. Mas a igreja nunca possui qualquer tesouro a não ser a imagem guardada por particulares, como propriedade particular, fazendo de conta que é um tesouro.

CADERNO

dois

VITÓRIA (ES), QUINTA-FEIRA,
01 DE JULHO DE 1976